



A SRA. PRESIDENTE (Flávia Morais. PDT - GO) - Declaro abertos os trabalhos.

Boa tarde a todos.

Esta reunião de audiência pública está sendo realizada em razão da aprovação do Requerimento nº 244, de 2018, de minha autoria, que visa debater o legado deixado ao País em decorrência da realização dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos.

Para dar início às apresentações, convido para participar da Mesa o Sr. Ricardo Trade, representante do Comitê Organizador do Rio 2016, e o Sr. Vicente José de Lima Neto, Secretário de Estado do Trabalho, Emprego, Renda e Esporte da Bahia, para fazer a apresentação referente ao Centro Pan-Americano de Judô de Lauro de Freitas, da Bahia.

Registro a presença do Djan Madruga, atleta olímpico de natação; Salvador Perrella, do Comitê Brasileiro do Esporte Master — CBEM; e João Tomasini, Presidente da Confederação Brasileira de Canoagem — CBCA.

Sejam todos bem-vindos!

Informo também que não pôde comparecer o Sr. Euler Barbosa, Secretário de Estado do Esporte do Ceará.

Foi convidado também para esta audiência pública, mas não respondeu ao nosso contato, o representante da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro.

Antes de passar à exposição dos nossos convidados, eu queria falar um pouquinho sobre as regras desta audiência pública.

Cada expositor terá um prazo de 15 minutos; e, depois das exposições, serão abertos os debates. Os Deputados terão preferência. Aqueles que quiserem interpelar poderão fazê-lo estritamente sobre o assunto da audiência pública. Depois, será permitida a participação daqueles que estão acompanhando esta reunião conosco.

Esta audiência está sendo transmitida também pelo portal e-Democracia. Aqueles que quiserem poderão acompanhá-la. Se houver perguntas também através do e-Democracia, esta Mesa providenciará para que nós possamos respondê-las.

Quero agradecer aos expositores que nos permitem hoje este debate, a realização desta audiência pública.

Passo a palavra ao Sr. Ricardo Trade, do Comitê Organizador Rio 2016.

O SR. RICARDO TRADE - Muito obrigado.

Deputada, é um prazer estar aqui. Gostaria de agradecer ao Presidente da Comissão do Esporte, o Deputado Alexandre Valle, ao Lindberg Júnior, o nosso Secretário-Executivo



da Comissão, e a V.Exa., Deputada Flávia Morais, pela convocação que nos foi feita. Obrigado, Deputada.

Eu gostaria de agradecer a presença do Vicente, Secretário de Estado da Bahia.

Queria apresentar o Pedro Sotomayor aos senhores. Gostaria que ele levantasse a mão, por favor. Foi um dos artífices do projeto de legado que vou mostrar depois aos senhores. Como ele era funcionário da AGLO, há cerca de 3 meses, ele já tem o perfil de conhecer muito o legado pós-olímpico.

Agradeço também ao Guilherme Raso, que é era membro do CBC — Comitê Brasileiro de Clubes, que agora tem tudo a ver com esporte, que vai falar um pouco de legado; e ao Tomasini, Presidente da Confederação Brasileira de Canoagem, representando o nosso Conselho dentro do Rio 2016. Temos um Conselho de três Presidentes que representam os outros 27.

Peço desculpas pela ausência do Sr. Bernard Rajzman, Vice-Presidente e membro do Comitê Olímpico Internacional — COI. Ele está hoje presente às reuniões do Comitê Olímpico Internacional em Tóquio e, por isso, não pôde vir. Ele gostaria de estar aqui, mandou um abraço a todos, o nosso Bernard Rajzman, atleta olímpico.

Agradeço ao Djan Madruga, representante dos Jogos Pan-Americanos Master 2020. Além de ser o nosso atleta olímpico, ele é um dos responsáveis por trazer ao Brasil um dos legados de uso das instalações onde serão realizados os Jogos Masters 2020, no Rio de Janeiro. Está presente também o Salvador Perrella, que é o Secretário-Geral do CBEM, que também é responsável por esses jogos.

É um prazer estar aqui.

Quero agradecer o apoio do Comitê Olímpico do Brasil — COB, do Comitê Paralímpico Brasileiro — CPB, das confederações que nos ajudaram a promover este material que nós vamos apresentar a vocês hoje, o apoio do Ministério do Esporte, da Autoridade de Governança do Legado Olímpico — AGLO, que faz parte do Ministério, do Estado e da Prefeitura do Rio de Janeiro.

Nós não fizemos nada do que vamos apresentar a vocês, como se diz na prática, de orelhada. Buscamos informações em cada órgão que compõe os governos ou as entidades que cuidam do esporte no Brasil.

Eu ia fazer isso ao final, mas vou rapidamente dizer já que nós produzimos também este material, um livro que apresenta o balanço do legado feito 2 anos depois dos Jogos.



(*Mostra livro.*) Uma cópia dele vai ser entregue à Deputada Flávia Moraes, que nos convidou — eu vou entregá-la a S.Exa. agora —; e outra cópia vai ficar para a Comissão, e eu a entregarei ao Lindberg. Aqui estão registrados os 2 anos de trabalho de todos nós pelo legado olímpico não só no esporte, mas também no contexto urbano, envolvendo o uso da cidade do Rio de Janeiro e de outras instalações no Brasil inteiro.

É preciso lembrar sempre que nós, como Comitê Organizador Rio 2016, não somos responsáveis por legado. Fui chamado a assumir o comitê em junho deste ano por 27 confederações olímpicas, que me elegeram e me pediram para trabalhar. Então, estou fazendo um trabalho de levantamento de todos os problemas e coisas boas que nós deixamos, para que apresentemos essa informação, em nome do esporte olímpico, a todos no País. Esse é um negócio bem bacana.

Sempre gosto de citar meu histórico, porque às vezes as pessoas ficam perguntando quem é a pessoa. Eu não caí aqui de paraquedas. Fui atleta de handebol — joguei 8 anos na Seleção Brasileira de Handebol — e fui Vice do Manoel Luiz, Presidente da Confederação Brasileira de Handebol, com muito orgulho. Trabalhei no voleibol, fui às Olimpíadas de Seul como preparador físico do Bebeto e do Bernardinho. Eu era o preparador físico daquela seleção masculina de 1988. Depois passei para a área de gestão e fui trabalhar numa empresa chamada Koch Tavares. Posteriormente, atuei como Diretor de Operações nos Jogos Pan-Americanos. Trabalhei no BID 2016, quando nós ganhamos em Copenhague. Fui CEO da Copa do Mundo de 2010 a 2014, ano da entrega do evento. Depois migrei para o voleibol, esporte de que fui CEO. Hoje estou no Comitê Rio 2016 e atuo também como voluntário na Confederação Brasileira de Basketball, em nome da qual estive aqui há cerca de 2 meses para apresentar algumas ações que nós estamos fazendo por lá.

Então, queria só me apresentar antes de entrar na nossa exposição.

Vou pedir que você fique atento, Pedro, porque posso precisar da sua ajuda.

Eles me ajudaram a fazer a apresentação.

O Balanço do Legado — Jogos Olímpicos e Paralímpicos. Vou tecer comentários muito rapidamente a respeito dele, porque sei que nós temos pouco tempo e há muita gente para falar.

(*Segue-se exibição de imagens.*)



Esta é a cerimônia de encerramento, só para dizer que estes foram os primeiros Jogos Olímpicos realizados na América do Sul. Eu me lembro que, quando ganhamos a eleição para sede, fizemos um quadro com um mapa muito bacana que apresentamos numa feira de esportes na Alemanha. Apresentamos um mapa-múndi que mostrava que, na América do Sul, não havia sido realizada nenhuma edição dos Jogos Olímpicos. Então, nós quebramos esse paradigma, realizamos os primeiros Jogos Olímpicos na América do Sul, onde eles nunca tinham sido realizados, com 205 países e 11.400 atletas.

Durante as provas olímpicas, 500 mil turistas visitaram o Rio de Janeiro, fora os que visitaram as outras cidades. Também é bacana citar a participação de 10 atletas do time olímpico de refugiados, o que foi um marco.

Depois de 2 anos, o que nós encontramos pela frente? Muita gente vê, e eu até acho que ela não deixa de ter razão. A imprensa está aí para nos cobrar, para dizer o que eles estão vendo. Isso é importante, sim. Nós reconhecemos o papel crítico da imprensa. É um papel importante para crescermos. Só assim se cresce: com espírito crítico. Aprendi isso na escola onde estudei, que por sinal era pública. Eu e o Guilherme Raso, que está ali, estudamos no antigo Colégio Estadual de Minas Gerais. Estudamos em colégio público, e gosto de citar isso.

O que já fizemos de 2016 a 2018? Vamos mostrar um pouquinho aqui.

Estamos dividindo esta apresentação rápida em legado esportivo, urbano e de transporte. Isso está muito mais explicitado no documento. É claro que vou focar mais no legado esportivo, mas vou dar uma pincelada nos outros dois. São três eslaides só sobre o legado urbano e três sobre o de transporte.

As políticas públicas no esporte, a infraestrutura esportiva, os materiais esportivos ficaram depois para as nossas confederações, federações estaduais, clubes e entidades esportivas. Estão todos utilizando esse material. Os senhores verão isso.

No tocante ao transporte, temos o BRT no Rio de Janeiro. Há problemas no BRT? Há problemas, sim. Há problemas de violência em Santa Cruz e em alguns pontos, mas esse transporte é muito utilizado. Temos também o metrô. Eu mesmo vou trabalhar de metrô. Antes eu não ia, mas agora estou indo de metrô. Temos ainda o VLT, que eu uso demais no centro da cidade. Além disso, houve a renovação de vias e a modernização dos aeroportos brasileiros. Os dois aeroportos do Rio de Janeiro estão modernos, ótimos para serem utilizados por brasileiros. Não foram modernizados para os jogos, foram renovados



para nós brasileiros que temos condições de viajar. Esses são um legado importante deixado para nós.

No tocante ao legado urbano, tivemos a urbanização da área do Parque Olímpico da Barra e do Deodoro, a ampliação do Parque Madureira, que ficou maravilhoso e está sendo muito utilizado pela população do entorno, que precisa de lazer. Além disso, tivemos a reurbanização da área do Engenhão, que é outra área muito bacana do Rio de Janeiro. Quem não mora lá não sabe, mas é uma área muito bacana para se utilizar. Tivemos ainda a construção do Porto Maravilha, onde ainda faltam coisas a serem feitas, mas já avançou demais. Hoje de manhã, passei por lá e tirei uma foto maravilhosa. É sensacional poder circular por lá e utilizar aquela área. Portanto, estão fazendo uso de áreas que não se usavam dentro das cidades.

O legado esportivo, que é o nosso foco aqui. Nós o dividimos em: políticas públicas, infraestrutura e materiais esportivos.

Rede nacional de treinamento, governança esportiva e Plano Nacional do Desporto. São coisas que o Ministério do Esporte fez e que avançaram muito. Estive no Ministério durante 3 meses, em 2015, como Secretário Nacional de Esporte Alto Rendimento, quando o Leyser assumiu o cargo de Secretário Executivo. Naquela época, o Ministro era o George Hilton. Eu estava lá e via o trabalho que eles estavam fazendo e que deram continuidade depois. Foi muito bacana.

Infraestrutura esportiva: centros olímpicos, centros nacionais, centros de iniciação esportiva.

Estão todos prontos, todos em utilização? Não, faltam coisas a serem feitas, e vamos abordar isso, sim. Não estamos aqui tapando o sol com a peneira, mas essas foram iniciativas muito bacanas que deixaram legados, sim, tangíveis. Aqui está o nosso Vicente, que é da Bahia e vai falar, por exemplo, do centro de treinamento em Lauro de Freitas, um legado que está sendo utilizado.

Por fim, temos os materiais esportivos adquiridos com recursos públicos. Nós compramos muito material, que veio para nós e está sendo utilizado.

Plano Nacional do Desporto: diretrizes, metas e ações definidas.

Não tenham dúvida, se não tivéssemos tido jogos aqui no Brasil, muitas das coisas que estão aí hoje não estariam sendo realizadas. Eu me lembro de uma reunião que participei no Rio de Janeiro para tratar da região do porto. Alguns arquitetos estavam tirando



das gavetas projetos para tentar revitalizar o porto. Eu estava trabalhando no BID de 2016 e lembro que saiu uma informação de que havia uma área do Banco do Estado da Guanabara. Imaginem! Então, só mesmo os Jogos Olímpicos para catalisar isso e fazer com que todos ali se empenhassem para resolver problemas que estavam ali centenariamente parados.

Então, os jogos trouxeram vários benefícios. Cito alguns: o esporte na formação do atleta — e hoje nós temos muitas coisas a mais —; o lazer e o esporte a todo cidadão.

Vocês verão isso na apresentação e no documento. É impressionante como a população está utilizando as instalações para lazer, as crianças e os mais velhos fazendo aulas. É impressionante! Não estou dizendo isso pelo Rio 2016. Pelo amor de Deus, o Rio 2016 não tem a nada a ver com isso. Não tenho crédito algum nisso. Eu, que estou agora no Rio 2016, sei quem está gerindo essas instalações: o Governo Federal, o COB, a CPB, o Governo Estadual ou o Governo Municipal.

O rendimento torna-se excelência mundial; o esporte para crianças na escola; consolidação, passos na mesma direção, ou seja, andar na mesma direção, o que, para mim, foi um legado incrível do esporte brasileiro. O Aldo Rebelo me ensinou muito durante a Copa: todos trabalharem em sintonia para atingir um objetivo. Muitas vezes, os Ministérios da Educação e o da Cultura estão trabalhando pelas suas áreas, mas ali a integração — e os jogos trouxeram isso — proporcionou aprender a trabalhar em conjunto por um bem comum, que seria a entrega dos jogos e o legado que ficaria.

Regularidade de obrigações fiscais e trabalhistas passou a ser exigida das confederações, das federações; previsão de princípios de gestão democrática — tudo veio em razão dos jogos —; demonstração de compatibilidade entre as ações com um plano nacional; garantia de representação dos atletas. Fui atleta, o Guilherme foi atleta, foi capitão da Seleção Brasileira de Handebol. Nós temos representação. Faço parte — também gosto de citar isso, hoje como convidado —, sou membro do Conselho de Administração da Confederação Brasileira de Handebol e opino; e o Presidente não faz parte do Conselho. Muitas vezes nós damos palpite e influenciemos na gestão democrática que ele não pode combater, porque nós dizemos: "*Não faça isso porque está errado*". Então, acho que esse foi o crescimento que veio dessa área também.

Além disso, temos: entidade esportiva; comprovação e viabilidade, autonomia; comprovação de que o dirigente tenha um só mandato. Isso é importante. A partir de agora,



ele não vai ter 4 anos, com uma única recondução. Antigamente, era permitido ficar ali por 30 anos, o que eu também coloco em dúvida se está ou não correto. Mas, nesse caso específico, isso já mudou.

Temos ainda transparência na gestão. Tudo hoje está aberto. Se você entrasse no *site* das Confederações, não se conseguia sequer um estatuto. Não se conseguia! Se você quisesse tentar uma eleição numa federação estadual, você não conseguia um estatuto, nem se sabia onde ele estava. Mas isso mudou. Sei disso porque sou do esporte; meu pai foi Presidente da Federação Mineira de Handebol, fui Diretor de Marketing da Federação Mineira de Handebol, então eu vim da raiz.

Rede nacional de treinamento. Nós temos vários centros regionais e locais de treinamento em âmbito nacional, os centros nacionais, de que vou falar mais dedicadamente, e o Centro Olímpico de Treinamento no Rio, que é o COT.

Vou falar um pouquinho do Parque Olímpico da Barra da Tijuca, que envolve todas essas instalações, e vou detalhar cada uma. O livro vai mais a fundo nos detalhes.

Neste eslaide, temos aí essa lindeza que se tornou o Parque Olímpico. Aquele autódromo estava totalmente degradado, era mato puro. Cansei de ir lá. Era mato puro, onde alguns *playboys* se divertiam nos fins de semana, mas agora não mais. O Governador prometeu que será construído um autódromo perto de Deodoro, onde vão acontecer as provas lá, e será algo sustentável.

Há sete instalações permanentes. Aí vemos o Parque sendo usado no Rock in Rio, que possui 52 mil metros quadrados de áreas livres. Esta é uma foto da população usando o espaço no Rock in Rio. Passamos a ter um local que não incomoda a população. Pode-se usar uma praia ou um local público para realizar determinado evento e levar para um local público, mas é algo restrito. Então, o Parque Olímpico passou a ser um local para fazer também grandes eventos no Rio de Janeiro e não incomodar a população.

Houve a presença de mais de 2 milhões de pessoas.

Este é o Gameplay, outro evento que levou muita gente para a Arena.

Foram mais de 300 eventos realizados, gente! Isso não é brincadeira, não! De novo, não estou autoelogiando o Comitê Rio 2016, pois não temos nada a ver com esse sucesso. Absolutamente nada!

Esta é a área esportiva para os eventos, onde mais 2 mil atletas estão em treinamento. É impressionante ver que lá você respira esse treinamento, respira o esporte.



Vou lá sempre. Este é o Centro de Treinamento da Ginástica na Arena Rio. São mais de 20 modalidades esportivas atendidas, com crianças sendo atendidas e treinando lá. Aí vemos as do Minotauro. Tem crianças fazendo dança e atividades na Arena Carioca I. Há projetos esportivos educacionais sendo realizados lá dentro.

Temos aí o COB, com o Centro Aquático Maria Lenk. É impressionante! Quem não foi ainda, precisa ir conhecer. Se os senhores não foram ainda, Deputados, peço que agendem uma visita ao Maria Lenk, onde tem um laboratório incrível para o preparo de atletas para 2020. Todas as Confederações têm direito a usá-lo — estão usando, não é, Tomasini? — e têm tido um resultado incrível! É cientificismo puro, com aparelhos de última geração! Eu me impressiono quando vou lá. Mais de 600 atletas são atendidos. Eu conheço disso, então posso falar um pouquinho. Fui preparador físico da Seleção Brasileira e sei que ali estão os equipamentos mais modernos que existem.

Há medições, laboratórios, e mais de 8 mil avaliações de atletas brasileiros são lá realizadas. Centros olímpicos com infraestrutura em Deodoro, também muito bacana. Há o hóquei, que teve um problema, sim, na saída do Rio 2016, mas vamos tentar solucioná-lo junto ao COI. Eu não poderia dizer aqui qual seria, mas desapareceram alguns cabos lá, e não está havendo a energização do campo. Então, quando há um evento lá, como não há energia, usam-se geradores. Mas nós vamos resolver isso. No entanto, o campo está ótimo e sendo utilizado. Isso está no livro.

Confederações, universidades e federações esportivas treinam lá em vários locais, com atletas que são militares. Treze das dezenove medalhas foram obtidas por atletas militares. Tivemos essa junção com os militares também. Não se tem que dizer que eles são militares; eles foram atendidos pela área militar para poderem receber também um pouco mais de recurso.

Este é o Centro Olímpico de Tiro, que é sensacional. Quando vou lá, eu me emociono, porque é um dos legados, e eu o ajudei a montar no BID.

Há o Centro de Aperfeiçoamento das Atletas das Forças Armadas.

Neste eslaide, vemos a canoagem. O Tomasini está aqui. Se vocês quiserem, depois ele pode falar um pouco. Fui lá agora e fiquei impressionado. O mundial de canoagem foi feito lá, com a presença do Presidente da Federação Internacional de Canoagem, que ficou maravilhado. Eu, o Paulo Wanderley, que é o Presidente do COB, e o Tomasini estávamos lá. O local é sensacional, é de emocionar!



Foram já realizadas 131 competições em Deodoro. São números, gente! Não é mentira, não! São números e dados que impressionam: milhares de crianças beneficiadas, 425 eventos, mais de 600 atletas atendidos, mais de 2 mil atletas em treinamento, mais de 2 milhões de pessoas passaram por Deodoro e Barra, público que lá foi atendido.

Centros Nacionais de Treinamento, infraestrutura do legado esportivo. Temos aqui centros nacionais em vários Estados, nem todos estão prontos. Não é isso, Pedro?

O SR. PEDRO SOTOMAYOR - Isso! Destes centros, 100% estão prontos. Os centros que ainda estão em construção não foram contemplados nesse estudo.

O SR. RICARDO TRADE - Então, são 17 centros prontos.

Centros especializados com foco na aptidão de cada região. Isso é legal! Cada região dedica-se mais a um determinado esporte. Então, vamos fazer isso. O Governo fez isso. Ficou bacana.

Esta imagem mostra o Centro Nacional de Tiro com Arco, em Maricá, que está funcionando a pleno vapor (eu tenho falado muito com o Vicente, o Presidente); o Centro de Formação Olímpica do Nordeste; o Centro Nacional de Saltos Ornamentais, aqui em Brasília; o Centro Nacional de Handebol, em São Bernardo, que é um legado para nós que somos do handebol, em que militamos; o Centro de Atletismo, em Bragança Paulista; o Centro Pan-Americano de Judô, em Lauro de Freitas (o nosso Vicente vai falar depois um pouco sobre ele); o Centro Nacional de Ginástica Artística.

Eu estive outro dia lá com a Luciene, fui fazer uma visita a ela. Por acaso, eu estava em Aracaju, Sergipe, e fui lá fazer uma visita. Fui apresentado às meninas que treinam lá, que moram lá. Esse sonho eu já vivi. Eu e o Guilherme fomos à Romênia, em 1975, pelo antigo DED, do MEC. De Brasília, a SEED tomava conta do esporte, antes do Ministério. Juntou-se um grupo oriundo do JEBs, que ficou junto, morou aqui em Brasília, na Academia de Polícia. Ficamos por 45 dias na Romênia. É isso que estão vivendo hoje essas meninas, que vão se transformar em grandes atletas brasileiras. Esse centro nacional é um legado incrível também.

Este é um Centro de Iniciação Esportiva. Há 134 centros em todos os Estados, não é, Pedro?

O SR. PEDRO SOTOMAYOR - Sim.



O SR. RICARDO TRADE - Esta é a tabelinha entre esporte, vida e educação sendo utilizada pelas crianças. Isso tem sido impressionante e está no livro detalhadamente. Nós vamos ficar às ordens.

O SR. PEDRO SOTOMAYOR - É importante ressaltar que 134 é o número total de centros de treinamento e iniciação esportiva. Hoje, existem dez centros que já foram entregues à população, e eles estão focados justamente em áreas que possuem maior vulnerabilidade social.

O SR. RICARDO TRADE - Está ótimo. São 134 centros, mas somente dez estão em atividade, em áreas de vulnerabilidade. Essa é a conclusão que ele está nos trazendo.

Transformação urbana. Eu já vou falar um pouquinho sobre a parte urbana. Depois, na fase de detalhamento, podem me perguntar o que for. Nós podemos responder às questões — eu, o Tomasini, o Pedro, o Guilherme, que entende do esporte. O Djan, que precisava sair, não pôde ficar.

Eu vivi outras Olimpíadas. Posso dizer que utilizar já o Porto Maravilha, utilizar o Museu do Amanhã, utilizar o Engenho... Isso não existia no Rio. Áreas que estavam degradadas — totalmente degradadas! — foram recuperadas, e o Rio se beneficia disso. É impressionante. Eu moro lá. Não sou de lá, sou de Belo Horizonte.

Este é o Museu do Amanhã, um belo exemplo de legado que foi catalisado pelos Jogos Olímpicos. Vê-se a revitalização da Zona Portuária, a área revitalizada do Engenho, que ficou bem bacana, e era totalmente degradada, onde foi construída a Praça Carlos Alberto Torres — o nosso Capita —, que tem 35 mil metros quadrados.

Este é o Parque de Madureira. Ficou incrível. É muito utilizado pela população. Tem 450 mil metros quadrados. É um legado incrível para a população do entorno, que é carente disso.

O legado para a hotelaria foi impressionante. Essa foi uma das minhas áreas no BID. O Rio não tinha hotéis de qualidade total. Hoje, ele tem hotéis de Primeiro Mundo. Está havendo problema quanto ao uso? Está. Existe sobra do acervo hoteleiro, mas o Rio hoje está apto a receber mais turistas. Eu acho que essa é uma das grandes indústrias a que o esporte pode se associar para trazer benefícios para o nosso País. Associar a indústria do turismo à indústria do esporte traz mais eventos para o País, favorece a utilização dos espaços.



Os Jogos Masters, Deputada, que vão acontecer em 2020, são incríveis. No caso, não existe vila olímpica. Então, as pessoas que vêm — pouco mais de 10 mil atletas e integrantes de suas famílias — ficarão na rede hoteleira da cidade e pagarão suas despesas. Nós temos que organizar a competição, mas eles, os veteranos, pagam a vinda deles. Isto é incrível, imaginem quantas pessoas virão e ficarão aqui durante 20, 40 dias. Vão ficar aqui para participar dos Jogos Masters e vão gastar na nossa cidade.

O SR. PEDRO SOTOMAYOR - Um adendo que podemos fazer é o seguinte: a AGLO, no ano de 2018, realizou um acordo...

A SRA. PRESIDENTE (Flávia Moraes. PDT - GO) - Queria pedir que a complementação fosse feita depois. Apresentamos as regras antes.

O SR. PEDRO SOTOMAYOR - O.k. Desculpe-me.

O SR. RICARDO TRADE - Já estou acabando. Vou apresentar apenas mais dois eslaides.

A rede hoteleira dobrou a sua capacidade de leitos no Rio de Janeiro.

Já falei sobre o legado urbano. Vejam que 232 mil moradores foram beneficiados.

Mobilidade urbana: metrô, BRT, VLT, vias expressas, aeroportos. É impressionante como o Rio mudou. Estas são as áreas que foram atendidas, as melhorias nas áreas viárias. São 26 quilômetros de instalações. Cito o seguinte: linha 4 do metrô; BRT Transolímpica; BRT Transcarioca; a área dos jogos. Quem não conhece tem que conhecer. São 167 quilômetros no total.

Esta é a linha 4 do metrô, que transporta 300 mil pessoas por dia, o que é incrível.

O BRT, que é incrível também, hoje transporta 450 mil passageiros por dia no Rio de Janeiro.

Este é o VLT no centro da cidade. Agora foi inaugurada uma nova linha. É impressionante, é bacana, moderno, eficiente. São transportados 25 milhões de passageiros.

Esta é Transolímpica, que faz a ligação até Deodoro. Eu fui a uma competição do Tomasini lá. Agora, para ir da Barra a Deodoro, gastam-se 15 minutos. Em todas as grandes vias grandes que foram feitas, há local para passar carro e local para passar BRT ou metrô, transporte de massa. Não se pensa só em quem tem carro.

As vias expressas ligam 27 bairros da cidade. Esse é um legado incrível do Rio de Janeiro.



Esta é uma imagem do aeroporto, que foi melhorado demais, como eu já tinha dito. Foi ampliado. Melhorou a capacidade do aeroporto e também o conforto. É impressionante o conforto dos dois aeroportos do Rio.

O metrô é fantástico, liga as estações, está todo limpinho e todo arrumado.

Houve aumento, de 18% para mais de 50%, da utilização de transportes públicos. Isso quer dizer 18% das pessoas do Rio de Janeiro usavam transporte público, e, com essa melhoria da malha viária, 50% passaram a utilizar transporte público. Essa é uma cifra impressionante e bacana para a nossa cidade e para o legado do País. Houve um legado que transformou muito mais que a cidade, transformou a vida de muitas pessoas.

Vimos aqui então passar essa ideia. Em seguida, posso falar sobre detalhes de cada uma das instalações e sobre o que precisarem saber. Reitero que o Comitê Rio 2016 não é o responsável por isso. Ele foi apenas o catalisador lá atrás. Hoje, estamos num processo de dissolução. Eu estou lá com mais nove funcionários para dissolver o comitê e encerrar as suas atividades.

Resolvemos fazer este trabalho de captação para mandá-lo para o COI também. Eu sempre digo, e vou fechar esta apresentação com esta frase, que não fui o organizador dos Jogos Olímpicos. Eu poderia dizer: "*Não, os Jogos Olímpicos...*" Os Jogos Olímpicos foram maravilhosamente realizados. Eu não estava na realização, eu era cliente, era o CEO do voleibol. Fui campeão olímpico no vôlei masculino, fui campeão olímpico no vôlei de praia masculino, mas não fui organizador, não trabalhei na organização, fui cliente. Como cliente, eu posso dizer, até porque já fui a outros, que esses foram os melhores jogos de que já participamos.

É incrivelmente bacana o legado que se deixou. Pelo trabalho que foi feito, essa imagem dos jogos não pode ser lançada por terra. Tenho dito isso a todo mundo e às confederações. Isso tudo ficou para as confederações, ficou para o esporte brasileiro, ficou para a população do Rio de Janeiro.

Eu sou um entusiasta? Sou. Às vezes, sou criticado por ser assim, por pensar muito à frente, mas eu acho que temos que fazer isso. Esse é o meu papel. Estou aqui. Aceito, sim, críticas, e vamos discuti-las. De novo digo que não sou o responsável, mas ajudo a tentar resolver questões. Estamos aqui para tentar resolvê-las.

Muito obrigado, Deputada.

A SRA. PRESIDENTE (Flávia Morais. PDT - GO) - Eu é que agradeço, Ricardo Trade.



Peço à Secretaria que inscreva o nosso companheiro que quer, depois, contribuir para a apresentação e o debate.

Passo a palavra a Vicente Lima Neto, Secretário do Esporte da Bahia.

O SR. VICENTE JOSÉ DE LIMA NETO - Boa tarde a todos que estão neste plenário da Câmara dos Deputados.

Agradeço de forma muito honrada o convite feito pelo Deputado Alexandre Valle, Presidente desta Comissão, para participar desta audiência, a qual decorre de requerimento feito pela Deputada Flávia Moraes. Pela segunda vez ela me convida para participar de conversa na Comissão do Esporte da Câmara. Da outra vez, a reunião foi feita com outros Secretários de Estado. Naquela oportunidade, estavam presentes seis ou sete Secretários. Conversamos também sobre a temática do esporte nacional.

Eu quero dizer aos que nos assistem pela *TV Câmara* ou pela Internet que tive a honra de atuar no Ministério do Esporte na condição de Chefe de Gabinete, de Secretário Nacional de Esporte Educacional, de Secretário-Executivo substituto e Ministro interino nas gestões dos Ministros Orlando Silva e Aldo Rebelo, em que tive a oportunidade de conhecer Ricardo Trade e Tomasini, que são dirigentes nacionais do esporte brasileiro num patamar que não nos deixa com qualquer tipo de inveja em relação a dirigentes de outros países. É um prazer reencontrá-los no Plenário 4, desta Comissão do Esporte. Depois eu fui para a EMBRATUR e a presidi exatamente no período em que o País realizava a sua Olimpíada. Fui o responsável por vender a imagem do País no exterior durante a realização da Olimpíada Rio 2016.

Para contextualizar a minha fala, eu queria dizer que a construção de uma estrutura de governo, uma estrutura nacional de governo que se iniciou em 2003, com a criação do Ministério do Esporte, evoluiu, como disse aqui o Ricardo Trade, em relação a todo o esforço feito pelo esporte brasileiro para colocar de pé o Ministério, para colocar de pé políticas públicas sólidas, para colocar de pé um orçamento proporcional às exigências de um esporte nacional de um país de dimensões continentais. Tudo isso é mérito de quem esteve, nesses quase 15 anos, dedicado a essa construção.

Nesse ambiente de construção dessa política pública, que passou por marcos legais importantes, esta Casa, Deputada, teve um papel fundamental. Menciono a aprovação da Lei Agnelo Piva, a aprovação da Lei Pelé, a construção da Lei nº 12.395, que botou de pé coisas importantes do esporte nacional, reforçou o Sistema Nacional do Desporto, apontou



o caminho da Rede Nacional de Treinamento, estabeleceu a bolsa-atleta no patamar que os atletas brasileiros de alto rendimento merecem, reforçou a ideia da bolsa-pódio, garantiu, nesses anos de existência dessa política pública, programas sociais importantes, como o Programa Segundo Tempo, o Programa Esporte e Lazer da Cidade — PELC, o Programa Forças no Esporte, em parceria com o Exército, que tinha o maior núcleo aqui em Brasília. Eu tive a oportunidade de acompanhar de perto, nos 4 anos de Ministério do Esporte, todo o esforço feito para a montagem das cidades esportivas, a construção do Plano Nacional do Desporto.

Tudo isso, nessa década e meia quase, é parte desse ambiente de construção de um modelo diferente de política pública, em parceria com o sistema confederativo, em parceria com o Comitê Olímpico Brasileiro, em parceria com o Comitê Paralímpico Brasileiro, em parceria com os clubes sociais, em parceria com o alto rendimento, com o esporte educacional, com o financiamento feito pelas empresas através da Lei de Incentivo ao Esporte, que atingiu cifras extraordinárias de financiamento do esporte brasileiro por meio de bancos privados, bancos públicos, empresas estatais, que aportaram, no curso desses anos, alguns bilhões de reais para garantir que o esporte chegasse ao patamar que chegou.

Estou dizendo isso para justificar que a captação referente à Copa e à Olimpíada acontece nesse ambiente de consolidação do esporte brasileiro num patamar diferenciado. A captação da Copa de 2014 e da Olimpíada de 2016 significou para o País uma espécie de coroamento da construção desse momento novo do esporte nacional. Nunca antes na história deste País havíamos vivido algo parecido.

Em 1 década e meia de consolidação, recurso farto esta Casa Legislativa aportou, através de emendas parlamentares, um orçamento extraordinário para o esporte brasileiro. Dobrou o orçamento do Ministério do Esporte com emendas parlamentares. No período em que eu estive lá, isso representou o dobro daquele orçamento, através de emendas dos Deputados desta Casa, que apostaram em infraestrutura esportiva, apostaram em programas sociais, apostaram numa política pública e num modelo novo de governança que estava sendo feito ali a muitas mãos.

Sobre o legado, Sras. Deputadas, Srs. Deputados, demais presentes, imprensa, eu, na condição hoje de gestor do esporte do Estado da Bahia, que tem o tamanho da França, um Estado com 16 milhões de pessoas, não tenho nenhuma dúvida do legado, para a



sociedade brasileira, desses dois grandes eventos que foram feitos no nosso País. Nenhuma dúvida!

Não estou falando estritamente de equipamentos esportivos e de esporte. Estou falando também disso. Estou falando principalmente do que ficou de legado social, porque foram plataformas extraordinárias para destravar obras de infraestrutura urbana de que as capitais brasileiras precisavam. Esses momentos aceleraram projetos que estavam engavetados há muito tempo.

No grupo executivo de ações da Copa, o GECOPA, nós aprovamos 52 projetos de melhoria de infraestrutura urbana. *"Ah! Nem todos foram realizados!"* Entre a decisão política e a execução, existe uma distância grande. Há órgãos de fiscalização e controle, há tempo de execução de obra, há empresa que vai à falência, o que faz com que haja necessidade de se fazer licitação de novo. Então, não dá para fazer de forma simplória a afirmação de que nem tudo ficou pronto. É verdade, nem tudo ficou pronto, mas há razões para nem tudo ter ficado pronto. O que ficou pronto — Trade nos mostrou exemplos da cidade do Rio de Janeiro — transformou as cidades brasileiras.

Lá em Salvador nós tínhamos um metrô chamado de "metrô calça curta": 10 anos de obra e 6 quilômetros de extensão. Houve investimento de 1 bilhão e meio em 6 quilômetros de metrô. A Copa e a Olimpíada — também houve Olimpíada na Bahia — propiciaram o destravamento da obra do metrô. Agora existem 20 quilômetros de metrô, atendendo a uma capital que tem 3 milhões de habitantes.

Isso é legado de infraestrutura urbana, assim como o Porto de Salvador, assim como os outros portos do País, assim como os outros 15 aeroportos, aliás, 16 aeroportos, 14 feitos no período da Copa e dois depois da Copa e da Olimpíada, hoje em processo de reforma.

Houve, então, legado para a infraestrutura, para o transporte e para o turismo numa dimensão que não se imaginava até esses dois eventos. O terminal de Brasília dobrou a sua capacidade de recebimento de aeronaves. Dobrou a capacidade. Extraordinário! É um dos mais bonitos do País.

Trade, logo que foi reformado o Aeroporto de Brasília, eu cheguei à cidade em um voo que veio de São Paulo, acho. Eu desci do avião junto com uma senhora que costumava vir a Brasília. Havia 5 anos que ela não vinha. Ela saiu do terminal e ficou perdida. Ela



olhava para o terminal e dizia: *"Mas que coisa linda! Eu estou em Brasília mesmo?"* Ficou lindo o aeroporto daqui. Essas reformas são legado desse processo.

Quanto à área da segurança, no âmbito do GECOPA havia uma câmara específica que tratava de segurança. A integração que foi feita na área de segurança é algo extraordinário para o País. Houve inteligência acumulada nessa área. Ministério da Justiça, Forças Armadas, Polícia Militar, Polícia Civil, em centros integrados, junto com a FIFA, no caso da Copa, junto com o Comitê Olímpico, no caso da Olimpíada, tratando de segurança no Brasil, um país que precisava avançar em relação a esse tema. *"Ah, no Brasil não há terrorismo, não há ataque terrorista"*. Está bom, mas é preciso estar preparado para qualquer coisa. Nós nos preparamos para ataques químicos durante a Copa do Mundo e a Olimpíada. Acrescentamos saber a esse processo.

Na área das telecomunicações, foram instalados 14 mil quilômetros de fibra ótica, entre a Copa e a Olimpíada. Internet de alta velocidade ficou para quem? Para a sociedade. As universidades se beneficiaram desse processo.

A Rede CEDES, que eu coordenava na Secretaria Nacional de Esporte Educacional, acelerou o processo de publicação de *papers*, artigos, em função da necessidade de produzir ciência e conhecimento. Eu sou originalmente servidor de uma universidade federal, pública. Na Bahia, entrou-se em ebulição, em função da importância desses eventos e da articulação feita no meio universitário nesse período.

As rodadas de negócios realizadas pela EMBRATUR, enquanto eu a presidia, no exterior, junto com a APEX, e no Brasil, durante os dois eventos, Copa do Mundo e Olimpíada, foram extraordinárias. As rodadas foram maravilhosas. Negócios milionários foram fechados enquanto os eventos aconteceram. São negócios também, são eventos esportivos acompanhados de negócios milionários importantes para a economia nacional.

Deputada, a área de turismo, que eu conheço um pouco, pela formação e pelo exercício da Presidência da EMBRATUR, beneficiou-se de forma extraordinária. Houve formação de mão de obra. Colocamos, no âmbito do PRONATEC, em parceria com o Ministério da Educação, milhares de pessoas no Brasil, trabalhadores e trabalhadoras, para fazer cursos de idiomas, cursos de receptivo, para atuarem na indústria hoteleira, nas agências de viagens. A quantidade de agências *on-line* que foram criadas nesse período é algo fora do comum. Só na Copa do Mundo, 1 milhão de pessoas circularam no Brasil,



turistas nacionais e internacionais, em 60 dias, em capitais e cidades fora do circuito dos jogos da Copa do Mundo.

Quanto à Olimpíada, Ricardo Trade apresentou os números. Quase meio milhão de pessoas circularam durante um evento como esse. Dois milhões de pessoas, sobretudo brasileiros, compraram tíquetes para os Jogos Paraolímpicos. Esse é um número extraordinário! Muda-se a percepção de uma sociedade, que acorre a jogos de pessoas com deficiência, que passam a ser seus ídolos, de pessoas que são admiradas e não mais olhadas de maneira diferenciada pela sociedade. Esse é um legado intangível que ficou dos Jogos Paraolímpicos em nosso País.

Deputada, Ricardo falou de números muito interessantes em relação às instalações esportivas, e a senhora me pediu para falar um pouco sobre a Bahia.

Na Bahia, Tomasini, você conhece de perto, nós temos medalhistas na área da canoagem. A confederação dessa modalidade você dirige com muito prazer e muito orgulho nos dá. Nós temos em construção neste momento quatro centros de canoagem. *"Mas por que vocês resolveram investir em canoagem?"* Isso é legado da Olimpíada, é legado do ciclo olímpico do qual participamos, é legado dessa modalidade esportiva. Dois dos seus atletas levaram para a Bahia medalhas olímpicas.

Estão em construção quatro centros. Eu inaugurei um, em nome do Governador, e temos mais três para inaugurar na região sul da Bahia. Nós vamos fazer mais um agora, misto, de canoagem e remo, no Parque de Pituçu, na Capital, Salvador. Portanto, há quatro já em construção e haverá mais um até o ano que vem.

Isso é influência desse processo. Nada disso é à toa. Centenas de jovens estão treinando, neste momento, em um centro de iniciação esportiva da canoagem na Bahia, em função do que aconteceu no País. *"Isso aconteceu porque a gente quis fazer?"* Não. Isso é influência desse processo, influência real, infraestrutura esportiva de ponta, centro de excelência da canoagem e jovens, normalmente jovens de escolas públicas — quase não há jovens de escolas particulares —, em cidades paupérrimas do interior da Bahia, praticando com os seus ídolos, medalhistas mundiais, um esporte chamado canoagem. Até um tempo atrás, havia o esforço da confederação e a vontade individual. Agora temos escala, como os outros países, a modalidade tem infraestrutura, recurso aportado, recurso orçamentário, recurso da confederação para garantir que isso não seja uma moda, um



momento, algo que passa. Existe planejamento para a canoagem. Eu dei o exemplo de uma modalidade.

Também na Bahia, fruto do ciclo olímpico, nós ganhamos, na Capital, uma piscina olímpica e uma piscina semiolímpica. Temos no Estado a representação local da Confederação Brasileira de Desportos Aquáticos, atletas medalhistas e não medalhistas no alto rendimento, as escolas da rede pública do entorno, que são muitas, com 400 crianças treinando três vezes por semana, e um programa aberto à sociedade, aos idosos. Todos os dias de manhã — vou lá quase sempre —, 200, 300 idosos usam a piscina semiolímpica. Programa de iniciação ao esporte e de utilização pública da nossa piscina está em curso.

Captamos agora para a Bahia, Deputada, depois de 50 anos, os Jogos Universitários Brasileiros — JUBs. Vamos fazer lá, Trade, uma edição comemorativa desses 50 anos. Eu tenho certeza...

(Intervenção fora do microfone.)

O SR. VICENTE JOSÉ DE LIMA NETO - Eu estava imaginando isso. Nós vamos fazer uma coisa interessante, com a marca daquele povo festivo da Bahia, envolvendo os segmentos universitários.

Seis universidades federais foram criadas nos últimos anos. Temos a mais antiga, que é a Universidade Federal da Bahia — UFBA, e mais outras cinco novas. Nós temos, em nosso Estado, quatro universidades estaduais. Estão nesse processo outras 17 universidades particulares. Então, vai ser um negócio grandão. A direção da CBDU está muito feliz com a captação e com o encaminhamento.

Eu me refiro agora à inserção do Centro Pan-Americano de Judô, com muito esforço, em parceria com o Ministério do Esporte — aproveito a oportunidade para agradecer ao Ministro Leandro Cruz essa parceria —, na Rede Nacional de Treinamento. Não é uma unidade isolada. Trade mostrou ali um centro olímpico que funciona no Ceará, tem 14 modalidades e é uma referência nacional. Lá o centro era específico para o judô. Na RNT, entra com força o judô, mas esse é um centro multiuso. Há muita coisa acontecendo.

Quando eu leio, na imprensa, nos portais, nos informativos *on-line*, nos escritos, na TV, alguma coisa sobre elefante branco, isso soa muito estranho para mim, porque, quanto ao que ficou de legado para a Bahia, o nosso problema é de agenda. Nós temos dificuldade de agenda. Nossa dificuldade é inversa. Tanto a Arena Fonte Nova, um espaço multiuso, um legado da Copa do Mundo, quanto a piscina olímpica e o Centro Pan-Americano de



Judô são utilizados o tempo inteiro. O centro de judô tem esse nome, mas é um centro multiuso. Nele fizemos campeonato de *wrestling*, fizemos campeonato de *badminton*, fizemos campeonato de ginástica rítmica. Há um centro de iniciação desportiva funcionando lá dentro, com crianças e jovens de Lauro de Freitas. Há duas turmas grandes, com 400 alunos em cada uma — a informação ali está desatualizada. Então, o nosso problema é o inverso: temos dificuldade de agendar novas atividades, em função de a agenda de utilização desses espaços estar praticamente fechada.

Nesta imagem se vê o Centro Pan-Americano de Judô, que já apareceu na lâmina do Ricardo Trade. É um espaço extraordinário. Vejam que ele não é só para o judô, pois há quadra poliesportiva.

Há uma piscina extraordinária.

Este é o espaço do ginásio. Vejam a quantidade e a variedade de eventos. Este é um evento de judô.

Esse é o Circuito Baiano. As federações estaduais utilizam o espaço com muita frequência.

Esta é uma atividade de formação do PELC. Eu fiz referência antes a esse programa do Ministério do Esporte, que eu tive a honra de coordenar, na Secretaria Nacional. A Bahia hoje tem a maior quantidade de núcleos desse programa. Há 78 núcleos no Estado da Bahia. É bem grande. Dentro do centro de judô há o núcleo grande, e todo o processo de formação acontece lá dentro, em parceria com a Universidade Federal de Minas Gerais.

Este é o campeonato de *wrestling*, a que já me referi.

Esta é a Seleção Brasileira de Judô em treinamento lá dentro do centro. A relação com o Silvio Acácio é muito boa.

O Projeto Avança Judô é um projeto específico da cidade de Lauro de Freitas.

Estas são as escolinhas. A Superintendência dos Desportos do Estado da Bahia — SUDESB é a nossa autarquia. A Secretaria tem três superintendências. Uma delas é uma autarquia que cuida do esporte, que é essa. A SUDESB tem escolinha de várias modalidades. Há seis escolinhas funcionando dentro do centro de judô.

Esta é a Arena Fonte Nova, legado também desse ciclo da Copa e da Olimpíada. O que era um estádio de futebol passou a ser uma arena multiuso. Recebemos lá jogos da Copa do Mundo, da Copa das Confederações.

Este foi um jogo da Seleção Feminina de Futebol.



Esta é uma imagem da partida entre Brasil e Dinamarca na Olimpíada de 2016.

Captamos a Campus Party. A Bahia não tinha a tradição de receber esse evento de ponta da tecnologia mundial. Ele acontecia em São Paulo e em Recife, no Nordeste. Agora nós a captamos. Esta já é a terceira edição da Campus Party dentro da Fonte Nova.

Acontecem aí também casamentos, formaturas. Há espaços pequenos, médios e grandes para a realização de eventos corporativos. Inserimos a Arena Fonte Nova na pauta da Secretaria de Turismo do Estado da Bahia para captação de eventos corporativos, e está funcionando muito bem, muito bem.

Essa foi a Campus Party. A deste ano foi enorme. *Shows* internacionais. A Bahia estava fora do circuito de eventos e grandes *shows* internacionais. Após a Copa do Mundo, esse espaço passou a captar grandes eventos na área da música. Acabou de acontecer o *show* do Roger Waters, que foi extraordinário. Muito bom! Esse realmente foi um negócio de arrepiar. Há *shows* pequenos, médios e infantis. A arena é realmente um lego. Você monta e desmonta, faz o que bem quiser com aquele espaço que era só para o futebol.

Esses são os eventos que foram feitos, só para o conhecimento de vocês. Esses foram encontros estudantis.

Esse é um dado importante sobre os postos de trabalho que foram gerados num espaço multiuso como aquele. Em 2017, 42 mil postos de trabalho foram gerados na Arena Fonte Nova, empregos temporários, geração de renda local, aperfeiçoamento da mão de obra. Muito treinamento está sendo feito lá, corporativo ou não, governamental, terceiro setor. Muita coisa acontece nessa arena.

À piscina já fiz referência. Quero só mesmo mostrar as imagens. Esse é Alan do Carmo, um baiano que está sempre na piscina. O Leonardo é um parceirão também. Natação em Rede é um programa nosso, é um programa da Secretaria, feito pela SUDESB. Eu fiz referência aos jovens, que são quase 800. Ali há 720, mas o número é um pouquinho maior.

Eu fiz referência aos idosos. Há duas turmas — aqui aparece uma turma, mas são duas turmas — que usam a piscina semiolímpica todos os dias.

Para os adolescentes eu chamo a atenção, porque, em parceria com a Fundação de Amparo à Criança e ao Adolescente, destinadas aos que cumprem medida socioeducativa há 100 vagas por semestre. Eles escolhem os jovens, e a gente põe no programa. Há 100 vagas por semestre.



A nossa seleção brasileira de polo aquático treinou por lá também. Ficaram entusiasmados com o que viram, com os equipamentos de ponta. A seleção de nado sincronizado também se apresentou por lá, encheu a casa, foi ótimo. A arquibancada comporta 2 mil pessoas.

Eu queria agradecer o convite feito pela nossa Deputada Flávia Moraes e pelo Deputado Alexandre Valle para estar aqui.

Obrigado.

A SRA. PRESIDENTE (Flávia Moraes. PDT - GO) - Obrigada, Vicente.

Vamos agora passar a palavra aos inscritos.

O primeiro é o Pedro Sotomayor.

O SR. ALEXANDRE VALLE (PR - RJ) - Antes, deveria usar da palavra o Tomasini, porque ele está com horário comprometido.

A SRA. PRESIDENTE (Flávia Moraes. PDT - GO) - Está bem.

Com a palavra o João Tomasini.

O SR. JOÃO TOMASINI - Deputada, obrigada.

Desculpem-me mas comprei a passagem de volta num horário cedo. Eu cometi esse equívoco.

Primeiro de tudo, quero cumprimentar o Governo da Bahia pelo trabalho que está fazendo nesse centro de treinamento. O de Itacaré ficou perfeito. O de Ubaitaba vai ser o melhor deles.

Esse centro é realmente um legado, é um retorno para a canoagem baiana, que nos deu três medalhas olímpicas e vai a Tóquio buscar mais. Há garotinhos de 10, 11, 12 anos indo ao campeonato brasileiro querendo repetir seu ídolo.

Deputada, a questão do legado, pelo que foi demonstrado tanto pelo Trade quanto pelo Secretário, é real.

Em Deodoro nós treinamos com a equipe no início do ano, voltamos a Foz do Iguaçu por opção, a equipe de canoagem Slalom, realizamos o mundial, e a nossa preparação final para Tóquio vai ser em Deodoro, porque as pistas são similares, os canais são similares. Nós vamos num primeiro momento a Tóquio, no mês de setembro e outubro do ano que vem, definir o *layout* da pista, fazer esse mesmo *layout* no Rio de Janeiro e fazer o resto da preparação para Tóquio em casa.



Então, esse legado está sendo usado. O SESC está usando o Parque Radical de Deodoro. No início do ano que vem, começa a funcionar uma escola de canoagem voltada à população de Deodoro, à região de Carmo Albuquerque, a toda a região do entorno de Deodoro. Realmente, esse legado existe. A canoagem é testemunha disso na cidade do Rio de Janeiro, na Bahia, em Foz do Iguaçu, com a Itaipu Binacional. Nós realmente estamos aproveitando esse legado, e não só a canoagem. O Parque Olímpico, como foi demonstrado, o SESC, a parte que está fazendo com a Prefeitura, o trabalho com a Secretaria Municipal, o legado olímpico existe.

Eu queria dar esse recado e pedir desculpas por ter que me ausentar. Se eu não for agora, eu terei que ficar aqui hoje à noite e não posso.

A SRA. PRESIDENTE (Flávia Moraes. PDT - GO) - Não há nada a desculpar. A gente quer agradecer a sua presença, a sua participação.

Agora, passo a palavra ao Pedro, que cedeu a vez gentilmente.

O SR. PEDRO SOTOMAYOR - Obrigado, Deputada. Obrigado a todos os presentes. Obrigado pela oportunidade.

Eu vou falar aqui brevemente, dando um complemento à fala do Ricardo, que já foi bem completa.

Eu tenho certeza de que para grande parte de nós aqui presentes e da sociedade em geral esses números que foram colocados são uma surpresa. Da forma como a gente vem tocando o legado nos últimos 2 anos... Eu iniciei esse processo na assessoria de projetos do Ministério do Esporte. Venho os 2 últimos anos trabalhando com o assunto legado.

Mais à frente, eu tive oportunidade de avançar, trabalhei também na Autoridade de Governança Olímpica, e vejo realmente o tamanho do trabalho que vem sendo realizado, o esforço que vem sendo realizado. E, como foi colocado, esse não foi um esforço apenas do Governo Federal, envolveu também a Prefeitura do Rio de Janeiro, envolveu inclusive a GL Eventos, uma empresa privada que hoje toca o Arena Rio, o Comitê Olímpico Brasileiro e o Exército Brasileiro, principalmente falando aqui de instalações olímpicas.

Durante esses 2 anos, o que ficou muito claro nesse processo do legado foi o seguinte: desses três legados permanentes que a gente apresentou hoje aqui, dois deles são automaticamente incorporados pela cidade. Então, quando a gente fala de legado urbano e legado de transporte, a gente nota que a partir do momento em que essas construções são entregues, essa infraestrutura é entregue, automaticamente a população



já passa a utilizá-la de forma constante, não sendo tão objeto de questionamento. Contudo, no esporte é diferente. É importante a gente notar principalmente no que tange à infraestrutura esportiva que é necessário, sim, um esforço integrado e coordenado de todos esses gestores, que somam cinco ou seis gestores, para as instalações olímpicas.

Além disso, um outro ponto que eu acredito que seja realmente importante de ressaltar é o seguinte: as manifestações esportivas que estão sendo atendidas no legado olímpico não se restringem ao rendimento, como ocorreu durante as Olimpíadas.

Como foi colocado aqui, hoje o Parque Olímpico está aberto para a sociedade a partir de projetos esportivos que contemplam a população local, eles estão abertos a visitas guiadas, para as quais qualquer cidadão pode se cadastrar *on-line* no *website* da AGLO, fazer um *tour* e ter oportunidade de conhecer o legado e as confederações, as federações e os institutos que estão em treinamento.

Por fim, eu gostaria de dizer que, além disso, além da questão de treinamentos e atividades esportivas, grandes competições, como foi colocado pelo Ricardo... O Master 2020 está vindo por aí. É um megaevento de alcance mundial. Assim como o Master, que está vindo por aí, a gente teve oportunidade de trazer nesses últimos 2 anos mundiais que só foram viabilizados por conta das Olimpíadas. É o caso do mundial de canoagem, do mundial de paraciclismo — foi a primeira vez que foi realizado mundial de paraciclismo na América do Sul justamente por conta do legado —, entre outros. O mundial de tiro acabou de ser realizado. Nós temos também o mundial de vôlei de praia.

É importante a gente entender que o fato de o Brasil ter recebido aqui as Olimpíadas e de ter desenvolvido toda essa infraestrutura abre portas para a gente continuar o trabalho de captação de megaeventos, uma vez que todas essas infraestruturas ou grande parte delas já estão prontas, já foram construídas e o investimento já foi realizado.

Agora, vejo como nosso grande desafio, partindo dos centros olímpicos de treinamento, avançar na ocupação — e a ocupação, eu reforço, precisa vir do rendimento na minha opinião. A gente precisa colocar as crianças lá dentro, a gente precisa colocar a sociedade, os cidadãos para ter acesso ao esporte, além dos atletas de alto rendimento e de base.

No que tange aos centros nacionais de treinamento, a gente nota que existe hoje uma pulverização desses centros, com diversas entidades os administrando e gerindo. Nós temos no caso Governos Estaduais, Governos Municipais e universidades fazendo isso. Eu



vejo como sendo muito positiva a integração desses atores que hoje estão envolvidos na gestão desses centros nacionais, como foi colocado na parte olímpica, agindo de forma integrada e com o máximo de produtividade para o atingimento de seus resultados.

Por fim, eu concluo com o Centro de Iniciação Esportiva, que é justamente onde se oferece o atendimento mais amplo para prever o Plano Nacional do Esporte. O projeto de lei do Ministério do Esporte já foi apresentado para a Casa Civil. Ainda está pendente de aprovação e de efetividade, mas já prevê a necessidade de a gente trazer também o esporte como um elemento de inclusão social dentro de cidades com alta vulnerabilidade social. O CIE vem como uma forma de conectar o estudante ou a criança que tem o primeiro acesso ao esporte até o último degrau do desenvolvimento esportivo, passando pelos centros nacionais e culminando nos centros olímpicos de treinamento.

Concluo aqui basicamente reforçando o entendimento de que de fato o legado trouxe muitas vantagens para o nosso País e que realmente se faz necessário o avanço. Esse só foi um primeiro passo. Nesses 2 anos, de fato a gente avançou, diferentemente de outros países, inclusive de potências mundiais. Nesta semana, saiu o resultado em imagens dos centros esportivos da China, que estão totalmente abandonados.

Hoje, já superamos a primeira etapa. Tiramos todas as instalações temporárias, contratamos todos os serviços básicos, garantindo a preservação dessas instalações, e demos só o primeiro passo, um primeiro passo muito bem dado, mas que ainda precisa ser desenvolvido.

Eu agradeço a oportunidade e me coloco à disposição para tratar do assunto legado, debater e construir soluções.

Muito obrigado.

A SRA. PRESIDENTE (Flávia Moraes. PDT - GO) - Obrigada, Pedro.

Não há mais nenhum inscrito.

Nós vamos agora ler algumas perguntas que foram feitas através do e-Democracia, direcionando a palavra aos dois expositores para uma resposta.

Marisa Amaral, da Bahia, pergunta ao Vicente: "*Os equipamentos esportivos construídos no Estado da Bahia para os Jogos Olímpicos e para a Copa do Mundo são utilizados também para estimular o esporte e a participação social?*"

Boa pergunta, Marisa!



A Cássia Damiani, professora da Universidade Federal do Ceará, pergunta: "*É bom ver o reconhecimento do planejamento dos jogos e JP como fator de desenvolvimento do esporte do País com a nacionalização dos legados. Porém, como transformar esses benefícios em um sistema esportivo fragmentado e hierárquico que deixa a maioria das crianças e dos jovens sem acesso ao esporte?*"

João Rodrigues Rosa Neto, professor de Educação Física de São Paulo, pergunta: "*Ricardo, qual a perspectiva do legado esportivo das Olimpíadas para o próximo período sem Ministério do Esporte, tendo em vista a redução de receitas e do poder político do segmento?*"

Paulinho Eiras, da Câmara dos Deputados, pergunta: "*Qual é a média de arrecadação de aluguel do Parque Olímpico para eventos de grande porte, como o Rock in Rio e onde são aplicadas as receitas provenientes desses contratos de aluguéis?*"

Eduardo Carvalho pergunta: "*Quanto aos centros de iniciação ao esporte, considerados pelo Ministério do Esporte como o maior projeto de legado de infraestrutura esportiva dos jogos Rio 16, só 3,5% das obras estão finalizadas. Pode ser explicitado pelo Ministério do Esporte esse legado?*"

Eduardo Carvalho: "*A desmontagem do Estádio Aquático e da Arena Nômade do Futuro ainda não se concretizou. Os recursos para tais ações foram remanejados pelo Prefeito do Rio com anuência do Ministro do Esporte em 2016. Quem são os responsáveis?*"

Eduardo Carvalho pergunta: "*Agradeço a apresentação do Comitê Rio 2016. Entretanto, o legado é missão do Ministério do Esporte e da Prefeitura do Rio de Janeiro. Teremos resposta sobre o modelo de gestão sustentável das instalações do Parque Olímpico a ser apresentado pelo Ministério do Esporte até 30 de junho de 2019?*"

Essa é para mim. Vou dar a resposta. Depois a gente compartilha, e você complementa. (Risos.)

A Cássia Damiani, professora da Universidade Federal do Ceará: "*A RNT foi pensada para além do alinhamento das estruturas existentes, mas como espaço de formação esportiva dá base à excelência com a presença das universidades, CTs, técnicos e treinadores de alto nível. Teve altos investimentos públicos. Como estão sendo repensadas a sua gestão e a sua sustentabilidade?*"



Eu passo a palavra ao Vicente dar a sua resposta. Depois, o Ricardo fecha com as perguntas que foram feitas pra ele.

O SR. VICENTE JOSÉ DE LIMA NETO - Pois bem, Deputada, em relação à pergunta da Sra. Maísa Amaral, da Bahia, respondo que as piscinas, conforme demonstrado, a olímpica e a semiolímpica, têm utilização social seja dos idosos, para a prática de hidroginástica e outras técnicas em água daquele programa que aparece ali na imagem, seja dos alunos das escolas públicas do entorno da Avenida Mário Leal Ferreira, em Salvador, que participam dos programas e das iniciativas da SUDESB na área de iniciação esportiva, como o Sotomayor colocou aqui, seja através do Programa Esporte e Lazer na Cidade, do Ministério do Esporte, que tem um núcleo naquelas duas piscinas, seja a partir da integração feita com equipes profissionais e equipes amadoras que ali circulam. Portanto, aquela piscina tem utilização majoritária de programas sociais, e a piscina de alto rendimento, que é a piscina olímpica, é utilizada pela Confederação Brasileira de Desporto Aquático em função da sua profundidade e da extensão dos equipamentos utilizados para esse fim. São duas piscinas. A olímpica tem parceria com a CBDA, e a semiolímpica é quase que exclusivamente utilizada para eventos e programas sociais.

A Arena Fonte Nova, que é o equipamento concedido à iniciativa privada através de uma PPP, também tem parceria para a pauta social, como apareceu ali naquelas várias lâminas. A exemplo do que foi dito aqui, toda sexta-feira tem visita guiada para as escolas públicas. Elas são escolhidas a partir de um critério da Secretaria Estadual de Educação. Visita guiada é feita toda sexta à tarde com alunos de escolas públicas que nunca colocaram os pés num estádio, muito menos numa arena multiuso.

Além disso, há visitas guiadas para grupos temáticos que procuram, agendam e circulam.

Todas aquelas atividades infantis que apareceram ali são feitas a partir de programas sociais. Há o Natal com as crianças, o São João, que é uma festa muito forte na Bahia, com a crianças do entorno, e outros programas realizados ali.

A arena do centro pan-americano de judô também é multiuso e comporta todos aqueles programas sociais. São todos aqueles programas sociais. Há o núcleo do Programa Esporte e Lazer da Cidade, o PELC. Ali existe um programa de iniciação esportiva com a Prefeitura Municipal de Lauro de Freitas exclusivamente para alunos de escolas públicas do Município. Ali também existem programas de inclusão que são feitos



em parceria com a SUDESB, que é a nossa autarquia. Portanto, a preocupação com a participação social nesses espaços que são legados do ciclo olímpico, Maísa, é uma preocupação permanente em relação à gestão daqueles equipamentos.

A SRA. PRESIDENTE (Flávia Morais. PDT - GO) - Obrigada, Vicente.

Passo agora a palavra ao Ricardo, para que responda às perguntas.

O SR. RICARDO TRADE - Vou tentar ser breve. A Cássia, eu a conheço bem, também é uma batalhadora pelo esporte. Quando eu estava no Ministério, nós trabalhamos um pouco em conjunto. Ela é professora da Universidade do Ceará.

A primeira pergunta dela é sobre o sistema esportivo fragmentado. Realmente, está fragmentado, existe essa fragmentação, mas cabe também ao Governo que assume, aos Estados, a todos eles resolver essa questão da fragmentação e se utilizar muito bem do esporte como um instrumento, como está sendo feito na Bahia pelo Vicente, de integração com trabalho, com cultura, com educação. Isso é impressionante. Eu não vejo aqui a nacionalização dos legados como algo tangível. Na verdade, nós estamos deixando que cada Estado use em seus locais os seus momentos de legado, os que possam ser utilizados.

Sobre isso, algo importantíssimo está sendo muito bem feito na Bahia e em vários Estados. Na própria AGLO está sendo feito na Arena 1, na Arena 2 e na Arena 3, que é de responsabilidade da Prefeitura. Eu acompanho isso, é muito bem feito, Cássia. O que eles fazem lá é o seguinte: vai haver atividade de alto rendimento, mas vai haver, sim, sempre, a obrigatoriedade realizar ações sociais para o pessoal do entorno, que é o que vocês estão fazendo lá. Este é um ponto importante: criança se capacitando desde jovem para participar dos eventos; a população que não teria acesso a essas instalações está tendo acesso a elas; e crianças do entorno.

Quanto à Rede Nacional de Treinamento, está sendo pensada a sua gestão e sustentabilidade. Acho que esse é um ponto para o próximo Governo, para se pensar nisso. A Rede Nacional veio. Eu sempre dizia, quando estava no Ministério, que nós temos que pensar não só em instalar, mas também em quem vai depois gerir a Rede Nacional de Treinamento. Então, esse é um ponto que fica para o próximo Governo, com certeza, não existe essa resposta ainda, porque foi, sim, alto investimento público, e agora nós temos que continuar. O que não pode haver, e é algo que eu falo sempre, é a descontinuidade. Então, se um Governo fez alguma coisa, por que temos que ter protagonismo e querer dizer



que vai fazer uma coisa totalmente diferente? Vamos dar continuidade à Rede Nacional de Treinamento, vamos utilizar o que é bom, corrigir o que está errado, e fazer. Esse é um conceito. Não se pode jogar tudo que foi feito antes no lixo. Então, esses investimentos que foram feitos devem, sim, ser aproveitados. Essa é a minha opinião.

E aí eu respondo à pergunta do João Rodrigues, professor de Educação Física, porque ele me coloca "na parede" aqui sobre se vai haver redução de receitas, sem o Ministério do Esporte. Eu não sei se não vai haver o Ministério do Esporte, isso não foi dito ainda pelo novo Governo, não posso opinar aqui sobre isso, nem se vai haver redução de receitas. Mas eu acho que se houver o Ministério do Esporte, seja ele como Ministério dedicado ao esporte ou em conjunto com outros, vai haver, sim, investimento muito grande no esporte. E esse investimento pode, sim, ser associado — essa é uma visão minha, que eu passo, de experiência de vida no trabalho, e a Copa do Mundo foi um exemplo disso — a PPP, ou seja parceria público-privada. Se eu tenho jogadores de futebol que estão sem emprego, que não se capacitaram para o pós, por que não a Secretaria de Esportes se juntar com a Secretaria de Trabalho e propor programas de pós-carreira, em conjunto, e arrumar dinheiro até do setor privado para fazer isso? Então, eu acho que isso é algo que o Governo vai ter que trabalhar, mas eu não estou lá; quem está é que vai ter que pensar sobre isso. Eu estou hoje no Comitê Organizador 2016.

Quanto à média de arrecadação de aluguel do Parque Olímpico, eu vou deixar o nosso amigo Pedro responder. Em relação aos Centros de Iniciação ao Esporte, por que só há 3,5% e quais são eles, se você puder dizer, e o que você pensa sobre isso. Você tem a experiência, porque você estava lá até pouco tempo. Não sei se você pode falar hoje em nome da AGLO, não vai poder, mas... Teria que ser o Presidente Paulo Márcio a explicar isso. A desmontagem do estádio aquático e da arena nômade não se concretizou ainda. O Pedro vai explicar direitinho para poder dizer como está essa situação — existe, sim, um problema ainda — e o que está sendo feito.

Por favor, Pedro, você pode responder a essas três questões, rapidamente? A primeira, então, é sobre a média de arrecadação.

O SR. PEDRO SOTOMAYOR - Em relação à média de arrecadação, é importante nós ressaltarmos o seguinte...

O SR. RICARDO TRADE - Deixa até eu tentar te ajudar nisso aí. Às vezes — para vocês entenderem, eu participei de dois processos desses, um no voleibol e outro na



Confederação de Basquete —, nós alugamos, por exemplo, a arena de tênis para fazer o evento do Mundial de Vôlei de Praia. Dentro dele, nós fizemos como doação a correção de algo que a arena tinha. Da arena de tênis, por exemplo, quando saiu, os guarda-corpos foram retirados, o que impedia que o Corpo de Bombeiros desse a licença para que a arena recebesse eventos. Então, em acordo com a AGLO, a Confederação gastou lá uma grana pesada para colocar os guarda-corpos e deixá-los de legado na instalação, o que foi excelente. Não se recebeu em dinheiro, mas em serviços. A Confederação de Voleibol também doou a areia que colocou dentro da arena para fazer o evento do vôlei de praia, para que se fizessem quadras externas de vôlei de areia. Hoje há quadras de vôlei de areia e de *beach soccer*, tendo sido lá realizados inclusive campeonatos de *beach soccer*. Então, o aluguel que nós pagamos foram esses dois legados que nós deixamos.

No basquete, por exemplo, nós tínhamos que fazer uma etapa do classificatório do mundial. Nós precisávamos colocar a quadra lá e alugar aquele espaço. Nós combinamos com a AGLO que cederíamos caminhões nossos, até do Presidente da Confederação, para buscar o piso que era para ficar lá na arena e estava numa instalação militar. Nós fomos lá, buscamos, trouxemos e instalamos. Foi nossa responsabilidade, e deixamos lá, e hoje os jogos da arena que estão sendo realizados lá da Liga de Basquete estão sendo feitos naquele piso que nós conseguimos trazer.

Então, esses são tipos de acordos que nem sempre são recursos de aluguel. Eu estou dizendo isso porque são dois exemplos dos quais participei. Eu acho que são ações muito bacanas, porque beneficiam o esporte e, com o legado, as instalações que estão lá. Acho que as ideias estão sendo inteligentes. Ele disse aqui: *"gente, se você pararem para pensar, são 2 anos de crise, de uma das maiores crises pelas quais o País passou, e ainda assim as coisas estão sendo feitas."* Vejam na Bahia, vejam no Rio e vejam em vários outros Estados brasileiros.

Continue, por favor, Pedro. Desculpe o discurso inflamado.

O SR. PEDRO SOTOMAYOR - Início pela questão do *Rock in Rio*. Para entender esse assunto, nós temos que entender a precificação das instalações olímpicas e como ela foi realizada. O conceito utilizado buscou maximizar a utilização social e, se nós cobrássemos um valor muito alto para projetos sociais, nós, automaticamente, inviabilizaríamos a utilização deles. De outro lado, buscamos maximizar a cobrança para megaeventos.



Qual foi o resultado disso? Isso culminou, basicamente, em uma fórmula que fez referência à portaria da Secretaria de Patrimônio da União, a SPU, na qual nós buscamos esses parâmetros. E tudo é realmente precificado de acordo com o tipo de evento, no caso, se é um evento de interesse público, se não é um evento de interesse público ou se é um megaevento. Sendo um evento de interesse público, confirmado através do procedimento instaurado, esse evento ganha gratuidade.

Então, qual foi o resultado? Por que tantos eventos assim ocorridos nas instalações olímpicas? Foi justamente por conta desse parâmetro, dessa estratégia que funcionou muito bem para maximizar a captação de eventos, principalmente esportivos e de inclusão social.

Por outro lado, quando nós tratamos com megaeventos, como principalmente foi o caso do *Rock in Rio* e do *Game XP*, que foram os eventos mais grandiosos que nós recebemos, essa taxa de aluguel por metro quadrado tinha uma variação expressiva quando comparada apenas com a cobrada em eventos comuns. A partir daí, nós obtivemos um retorno de mais... Eu não sei precisar o valor agora, mas foi um valor de mais de 1 milhão de reais na primeira locação, tendo em vista que esse acordo também tratava de contrapartidas, como colocado pelo Baka. Mas o grande acerto, eu diria, da estratégia utilizada foi justamente na composição da precificação da instalação.

Agora, avançando, nós tínhamos uma segunda pergunta...

(Intervenção fora do microfone.)

A SRA. PRESIDENTE (Flávia Morais. PDT - GO) - Nesta pergunta ainda, há a destinação do recurso...

O SR. PEDRO SOTOMAYOR - Em relação à destinação do recurso, como dito pelo Ricardo, novamente, a legislação da AGLO conta com um instrumento de contrapartida. Esse instrumento de contrapartida é inovador no Governo Federal e permite que, justamente, as instalações sejam utilizadas tendo como contrapartida a não pecúnia, não o dinheiro de fato, mas, sim, melhorias para as instalações.

Então, como foi citado, num ótimo exemplo, o centro de tênis não tinha viabilidade de utilização.

A SRA. PRESIDENTE (Flávia Morais. PDT - GO) - Sim, mas ele já falou e nós precisamos otimizar o tempo, porque nós estamos...



Você está querendo dizer que a taxa do *Rock in Rio*, por exemplo — porque ela pediu um exemplo aqui — foi de 1 milhão. Mas onde foi aplicada? Você está querendo dizer que não chegou o dinheiro, que esse valor foi recebido em obras e benefícios, é isso?

O SR. PEDRO SOTOMAYOR - Isso vem em pecúnia e também em obras e benefícios, dependendo da necessidade.

A SRA. PRESIDENTE (Flávia Moraes. PDT - GO) - Mas no caso do *Rock in Rio*, vamos pegar esse exemplo prático.

O SR. PEDRO SOTOMAYOR - Vamos pegar o caso específico do *Rock in Rio*. No caso do *Rock in Rio*, a Arena 2 não podia recebê-lo, porque carecia de um sistema elétrico que pudesse comportar um evento daquele tamanho. Ela estava voltada para uma competição esportiva, não para um megaevento de música e de jogos eletrônicos.

Qual foi a forma de nós conseguirmos receber aquele evento? Foi justamente a partir da transformação, ou da aplicação de recursos diretamente pelo *Rock in Rio*. Isso é previsto na lei de criação da AGLO. Isso inclusive foi um assunto...

A SRA. PRESIDENTE (Flávia Moraes. PDT - GO) - Então os recursos recebidos pela locação ao *Rock in Rio* foram utilizados para adequação do espaço para a realização do *Rock in Rio*...

O SR. PEDRO SOTOMAYOR - O que permitiu a realização do evento...

A SRA. PRESIDENTE (Flávia Moraes. PDT - GO) - Não foi investido nada no espaço para a utilização para o esporte. Ele foi adequado para a realização do *Rock in Rio*...

O SR. PEDRO SOTOMAYOR - Também.

A SRA. PRESIDENTE (Flávia Moraes. PDT - GO) - É isso, né?

O SR. PEDRO SOTOMAYOR - Não, não. Também para o esporte, porque uma vez que eu faça o investimento...

A SRA. PRESIDENTE (Flávia Moraes. PDT - GO) - Ele não trouxe o capital para a manutenção do espaço, né?

O SR. RICARDO TRADE - Ele está dizendo o seguinte — Pedro, isso aí você já explicou —, realmente se investiu-se em melhorar a instalação, vai se investir em aquilo poder ser utilizado para o esporte. Ela quer saber se existe alguma parte em dinheiro que foi investida em pagamento de professor, escolinhas, essas coisas.

A SRA. PRESIDENTE (Flávia Moraes. PDT - GO) - Em segurança também, em limpeza, em estrutura do...



O SR. PEDRO SOTOMAYOR - No caso, como é que funciona? Nós fazíamos o recolhimento via GRU, e isso ia direto para o cofre da União. Então, isso não retorna para nós. Ou nós executamos via contrapartida de forma a viabilizar o evento, ou nós recolhemos via GRU, e isso vai para os cofres da União. Essas são as duas formas de contrapartida que foram utilizadas. Ficou claro?

O SR. RICARDO TRADE - Agora a outra pergunta é em relação aos 3,5%...

A SRA. PRESIDENTE (Flávia Moraes. PDT - GO) - Pode deixar que eu conduzo essas perguntas. Deixe-me encaminhar para ele aqui. Vamos repetir, porque, senão, quem está acompanhando fica meio perdido.

O SR. RICARDO TRADE - Tem mais essa aqui também.

A SRA. PRESIDENTE (Flávia Moraes. PDT - GO) - Na verdade, essa dos recursos, se tivéssemos os valores, a destinação, com certeza...

(Intervenção fora do microfone.)

A SRA. PRESIDENTE (Flávia Moraes. PDT - GO) - Pode deixar que eu vou conversando com ele.

Com certeza ficaria mais claro, mas...

O SR. RICARDO TRADE - É o Presidente da AGLO que tem que responder, não é ele...

O SR. PEDRO SOTOMAYOR - Eu posso fazer uma...

A SRA. PRESIDENTE (Flávia Moraes. PDT - GO) - Está bem, fique tranquilo, não precisa... Eu só estou colocando a pergunta do e-Democracia.

O SR. PEDRO SOTOMAYOR - Nós temos essa informação. Essa informação, hoje, está no *site* da AGLO, no portal de transparência.

A SRA. PRESIDENTE (Flávia Moraes. PDT - GO) - O senhor quer passá-la, porque eu acho que seria mais claro. Mas, se não tiver, não há problema.

O SR. PEDRO SOTOMAYOR - Está no *site* da AGLO, no portal de transparência, onde se pode identificar todo o valor que foi consumido por fornecedor e o tipo de atividade que foi contratado, de serviço ou produto. O fato é o seguinte: hoje eu não tenho todas essas informações aqui.

A SRA. PRESIDENTE (Flávia Moraes. PDT - GO) - Está certo. Então, a resposta hoje, agora, para esta pergunta, seria procurar no *site*.

O SR. PEDRO SOTOMAYOR - Perfeito. Obrigado. É exatamente isso.



A SRA. PRESIDENTE (Flávia Moraes. PDT - GO) - Vamos então à pergunta sobre o percentual...

O SR. RICARDO TRADE - É sobre os CIEs. Por que é que só há 3,5% dos CIEs prontos?

O SR. PEDRO SOTOMAYOR - Perfeito. Esse assunto foge da AGLO e vai lá para o Ministério, para o Departamento de Infraestrutura do Esporte. Seria importante, para eu dar uma informação atualizada, realmente, nós termos algum membro...

A SRA. PRESIDENTE (Flávia Moraes. PDT - GO) - Tudo bem. A pergunta veio para o Ricardo. Ele a transferiu para você, porque achou que você a responderia. Não há problema nenhum.

Isso vem ao encontro da pergunta que veio para mim, sobre a apresentação do Comitê, que o pessoal agradece e acha que foi muito importante, mas questiona, porque, na verdade, quem deveria estar respondendo e explicando seria a Prefeitura do Rio de Janeiro e o Ministério do Esporte.

Eu queria repetir agora no final, porque nós já falamos isso no início, que a Prefeitura do Rio de Janeiro foi convidada a participar e não está presente. Então, é por isso que hoje nós não temos essa resposta. Em relação ao Ministério do Esporte, um representante já esteve aqui em outra audiência pública — para esta não foi convidado. Mas sempre que convidado tem participado das nossas audiências.

Então, eu acredito que para obter as respostas a essas perguntas nós poderemos promover outra audiência, para que nós possamos trazer também esses questionamentos e deixar tudo muito claro.

Aí perguntam também se até 30 de junho de 2019 nós vamos ter as respostas sobre o modelo de gestão sustentável, que caberiam à Prefeitura do Rio de Janeiro e também ao Ministério do Esporte. Eu quero deixar aqui bem claro que o que pôde ser apresentado pelo Comitê foi bem apresentado.

Nós agradecemos muito a participação de vocês. Quero deixar claro que a intenção da Comissão não é criar suspeitas; pelo contrário, é esclarecer, abrir, mostrar, porque nós que fazemos parte desta Comissão somos muito cobrados, onde nós estamos, sobre a questão do legado. Daí a intenção da Comissão ao criar a Subcomissão, justamente para acompanhar o legado. Nós sabemos que ele não se faz em pouco tempo. É um pós que demora, e ele vai ter certo acompanhamento desta Comissão.



Nós tentamos, nesta audiência pública de hoje, trazer as boas notícias do legado. Então, em princípio, nós tínhamos algumas denúncias, algumas notícias no programa *Fantástico* falando do legado, na revista *Época*, e aí nós realizamos outras audiências públicas, e esta Comissão tem permanentemente cobrado esses resultados.

Hoje, a intenção é justamente mostrar que o legado está sendo encaminhado, que está no bom caminho, e eu acho que o Comitê conseguiu trazer isso de forma muito clara.

Para não deixar dúvidas, nós colocamos essas perguntas. Eu acho que nós não tínhamos que separá-las, mas colocar tudo aqui, no ar, para todo mundo acompanhar. Estamos nos comprometendo a trazer, mais uma vez, o Ministério do Esporte. Talvez poderá vir para outra audiência, e podemos lhe pedir a delicadeza de trazer as respostas a essas perguntas que estão aqui hoje.

É até interessante dizer, já que estamos no final de Legislatura, se há perspectiva de termos ou não o Ministério do Esporte, de sabermos como vai ficar a estrutura do esporte no próximo mandato. De repente, nesse momento poderíamos contar com a presença de representante para que pudéssemos obter uma resposta, até para saber se haverá continuidade nos próximos anos.

Eu queria dizer que eu, que estou acompanhando há tempo esses acontecimentos, estou muito entusiasmada com o que vimos e ouvimos aqui hoje. Fico feliz por isso. Nós temos o compromisso também de divulgar e falar, para que possamos trazer otimismo para os brasileiros em relação ao legado desses grandes eventos mundiais que aconteceram no Brasil, a Copa do Mundo e as Olimpíadas.

Nós teremos que encerrar, porque se inicia a Ordem do Dia no Plenário. Contudo, com todo o respeito, diante de toda a boa vontade, a presença e as apresentações dos senhores, e do grande trabalho vêm realizando, passo a palavra aos dois expositores — e também ao Sr. Pedro, caso queira usar a palavra — para que possam fazer as considerações finais. Em seguida, encerraremos esta audiência pública.

Eu começo pelo Sr. Ricardo Trade.

O SR. RICARDO TRADE - Serão 2 minutos, nada mais do que isto.

Obrigado, Deputada!

Obrigado novamente ao Lindberg pelo convite para estarmos aqui.

Eu costumo dizer — e nós falávamos muito isto quando estávamos pensando em 2007, em 2013, em 2014, na Copa das Confederações, nos Jogos Olímpicos — que nós



tínhamos pela frente uma década de oportunidades para o esporte brasileiro, Vicente. Eu acho que esse foi o grande mote, como o senhor falou. Tínhamos uma década de oportunidades. Comparando-nos a outros países, posso dizer que nós estamos utilizando esse legado de forma muito bacana. Eu conheço, tenho estado lá fora. Eu estive recentemente na Rússia, Deputada, a convite do Governo russo, para um fórum cultural. Fui falar da Copa do Mundo. Fui falar um pouco sobre integração, sobre como a Rússia, o Catar e o Brasil puderam se integrar e ainda podem se integrar mais. Mostrei como a Copa e os Jogos Olímpicos podem trazer isso. Foi muito bacana. Fui há pouco tempo. Acabei de voltar, há duas semanas. Eles ainda falam da Copa do Mundo, e falam com um carinho enorme pela Copa do Mundo no Brasil, falam com um carinho enorme pelos Jogos Olímpicos no Brasil, que foram muito bem realizados. Nós deixamos também um legado intangível de imagens do nosso País, e de que nós realizamos. Acho que isso é um ponto importante. Realizamos com categoria, com uma classe muito bacana. E isso ficou lá para fora.

Quero somente reforçar um pouquinho o que o Tomasini falou. Havia esportes em que não tínhamos expressão — e não tínhamos mesmo, não adianta falarmos que tínhamos. Hoje, lá na Arena Carioca 3, temos atletas de lutas como *wrestling*, treinando. Está lá a instalação. Hoje nós temos vários esportes, como a canoagem mesmo, com títulos olímpicos e com proeminência no mundo todo. Eu acho que este é também um legado incrível. Abrimos o leque. Nós não somos mais um país do futebol somente, ou um pouquinho do basquete, como foi lá atrás, e do vôlei, como somos agora. Nós somos muito mais do que isso. Acho que este legado olímpico está trazendo também isto: nós hoje somos um país multiesportivo. Este é um ponto muito bacana.

E reforçando um pouquinho o que o Vicente falou, eu trago um desafio para nós todos. Eu já falava isto durante a Copa do Mundo, usava esta cifra naquela época, mas já aumentou: o Brasil recebia 5 milhões de turistas por ano, sendo bonito, tendo praias lindas. E uso esta fala nas minhas palestras fora do País, quando vou falar de Copa do Mundo: entendo que o Brasil tem uma oportunidade incrível, porque este é o mesmo número de turistas que frequentam, por exemplo, a Torre Eiffel num ano e é o mesmo número de turistas que frequentam a cidade de Nova Iorque. Nós estamos nos comparando a uma cidade! Portanto, acho que temos um potencial enorme para aumentar a indústria de turismo, e o esporte pode ser parte fundamental nisso, como disse o próprio Vicente aqui.



Portanto, vamos juntar esporte e juntar turismo, nesse sentido de trazer para o País outros eventos e fazer com que as pessoas confiem em vir aqui!

Era o que eu tinha a dizer.

Obrigado pelo convite para estar aqui, para poder falar um pouquinho do que pode sobrar para o nosso País, as coisas boas do esporte.

A SRA. PRESIDENTE (Flávia Moraes. PDT - GO) - Sr. Pedro, tenho uma pergunta. Eu deveria tê-la passado antes, mas não passei. Peço que responda, rapidamente, caso seja possível: quais são os dez centros de iniciação que estão em funcionamento?

O SR. PEDRO SOTOMAYOR - A pergunta deve ser dirigida ao Ministério do Esporte. O que eu posso dizer é que esse programa Centro de Iniciação ao Esporte — CIE teve um avanço muito grande nos últimos 2 anos. Esses dez centros já estão em operação e existem centros que estão sendo lançados. Eu não posso realmente especificar, porque não estou trabalhando no setor ou no Ministério.

A SRA. PRESIDENTE (Flávia Moraes. PDT - GO) - Tudo bem!

O SR. PEDRO SOTOMAYOR - Mas eu poderia fazer um adendo — acho que seria positivo — em torno das instalações temporárias, que é um assunto delicado e é de tratativa direta da Prefeitura com o Ministério. Contudo, já atento a essa questão, eu busquei um posicionamento da Prefeitura. Aproveitando a oportunidade, se cabível, posso fazer uma explanação.

A SRA. PRESIDENTE (Flávia Moraes. PDT - GO) - É uma das respostas que não foi dada, em relação à desmontagem. Pode falar, Sr. Pedro, pois é importante.

O SR. PEDRO SOTOMAYOR - Ele coloca basicamente o seguinte. Isso vem diretamente da Subsecretaria do Legado e também da RioUrbe, que são setores da Prefeitura.

Em relação ao Centro Aquático, as piscinas e seus equipamentos já foram retirados e doados para o Exército Brasileiro e a Marinha. Resta no local apenas o berço de concreto no qual as piscinas estavam contidas. Os assentos eram alugados, ou seja, faziam parte de estruturas temporárias e já foram totalmente desmontados. Hoje, o que temos no Centro Aquático é a carcaça dele. No Centro de Handebol, os assentos também eram alugados e foram desmontados após os jogos. Hoje está sendo realizado um estudo de viabilidade técnica para o aproveitamento das escolas.



E o que mudou nesse ínterim? Inicialmente, o plano era justamente construir novas dez escolas. Foi identificado pela Prefeitura que não haveria linhas de custeio de orçamento para custear e operacionalizar essas novas escolas. Então, a nova estratégia da Prefeitura é modernizar escolas degradadas. E já existe a identificação das escolas, que seriam as de Rio das Pedras, Bangu, Santa Cruz e Campo Grande. A informação da Prefeitura é que esse plano de trabalho foi apresentado para o Ministério do Esporte e está em fase de aprovação.

A SRA. PRESIDENTE (Flávia Moraes. PDT - GO) - Com a palavra o Sr. Vicente para as considerações finais.

O SR. VICENTE JOSÉ DE LIMA NETO - Deputada, peço licença para agradecer à Assessoria desta Comissão, na pessoa do nosso amigo Lindberg e dos demais técnicos. Agradeço a solicitude e a eficiência. Porque fizeram contato com a nossa assessoria para estarmos aqui hoje, muito obrigado!

Para nós foi uma satisfação poder estar com V.Exa. e falar sobre este tema tão importante para a sociedade brasileira, assim como termos reencontrado o Tomasini e o (*ininteligível*) — eu vou fazer aqui uma digressão: com alguns quilos a menos! (*Risos.*) Foi um prazer enorme estar com este parceiro do esporte brasileiro, que é uma competência em relação às coisas que dirige.

O balanço que eu faço é um balanço positivo, mas sei que há problemas na ponta. Eu já fui gestor municipal de esporte. Nós temos problemas locais de gestão. Às vezes, aparece na imprensa um apontamento aqui e apontamento ali. O papel da imprensa é exatamente este: levantar questionamentos sobre investimentos públicos que foram feitos. Há problemas aqui, ali e acolá. E eu reputo esses problemas a decisões de gestão muito localizadas, que poderiam ter outra destinação, quando se gosta do esporte e o transforma em algo prioritário na pauta local ou na pauta estadual.

Eu gosto do esporte. Até o dia 31 de dezembro, eu estarei à frente da Secretaria, com todo o prazer, transformando o legado que ficou dos grandes eventos esportivos em um legado para a sociedade. O casamento entre o alto rendimento e o esporte de participação, a vinculação do esporte com a escola, a mágica que nós temos que fazer na gestão pública e na gestão das entidades federativas e confederativas para entenderem que as vertentes se somam e que nós precisamos ter um olhar múltiplo e variado sobre o esporte: é o que tem dado resultado positivo.



Nessa década e meia, esse esforço feito de construção de uma política nacional com experiências estaduais e municipais positivas, eu reputo esse esforço como uma experiência positiva. E tenho a certeza — não tenho nenhuma dúvida — de que a captação da Copa, da Olimpíada, de jogos indígenas mundiais, de jogos militares mundiais, da Copa das Confederações, todos esses eventos trouxeram, sim, um legado esportivo e social para o nosso País.

Obrigado, Deputada, pelo convite.

A SRA. PRESIDENTE (Flávia Moraes. PDT - GO) - Nada mais havendo a tratar, eu declaro encerrada a presente reunião, antes convidando os nobres pares para a Reunião Deliberativa Ordinária que se realizará logo em seguida, neste mesmo plenário.